

UTILIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DE DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS

(Documentos Audiovisuais)

Ana Amélia Amorim Soares de Carvalho

Universidade do Minho, Portugal

Resumo

Este trabalho aborda o papel dos documentos audiovisuais no processo de ensino-aprendizagem. Algumas sugestões são apresentadas com o intuito de contribuir para uma selecção, utilização e exploração mais adequadas destes documentos. Uma ficha de registo e exploração é sugerida para ajudar o docente na utilização e exploração do documento audiovisual.

Utilização e Exploração de Documentos Audiovisuais

O termo audiovisual tem sido utilizado de uma forma tão ampla que se chega a englobar neste conceito o documento propriamente dito e o equipamento a ser utilizado como suporte do documento (Coutinho, 1988). Além deste sentido tão abrangente e ambíguo, o termo audiovisual tem sido confundido com a expressão audio-visual que engloba todos os meios de comunicação de carácter tecnológico que recorrem ao som ou à imagem, ou aos dois simultaneamente (Cloutier, 1976)¹. Urge, então, uma explicitação

terminológica. A expressão documento audiovisual integra todos os documentos que sincronizam o som e a imagem (La Borderie, 1979). Nesta definição incluímos o filme, as emissões televisivas, o diaporama e o videograma².

Os documentos audiovisuais começaram a usar-se de forma sistemática nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, para a formação acelerada de mão-de-obra para a indústria e para técnicos capazes de utilizar armas e tecnologias cada vez mais sofisticadas (Dieuzeide, 1973). A sua utilização demonstrou possuir uma assinalável eficácia (Ponte, 1989).

O realismo e a força comunicativa destes documentos permitem trazer para a sala de aula os assuntos que interessam ao professor apresentar num dado momento (Ponte, 1989). Os documentos audiovisuais são adequados para transmitir ou recriar acontecimentos muitas vezes impossíveis de trazer para a sala de aulas, por exemplo, experiências e demonstrações complicadas, conferências, artistas, actividades desportivas, entrevistas, monumentos, recriação de acontecimentos históricos, línguas e culturas estrangeiras (Decaigny, 1972; Planque, 1974; Cloutier, 1975; Gea, 1983). No ensino de línguas estrangeiras, estes documentos permitem recriar situações reais, aprender a usar expressões contextualizadas e a absorver dados socio-culturais imprescindíveis a um bom desempenho linguístico (Carvalho, 1991).

A combinação das linguagens audio e visual permite uma maior retenção mnemónica e, por isso, uma maior facilidade na aprendizagem (Ferreira e Júnior, 1986; Casas, 1987). Estes documentos possuem técnicas privilegiadas de apresentação da informação e de clarificação de conceitos que contribuem para uma maior compreensão do assunto (Dieuzeide, 1973; Ponte, 1989). Contudo, sentar os alunos em frente a um écran e esperar que eles absorvam os conteúdos não é suficiente. Não se pode permitir que os alunos adoptem uma atitude de espectador, e para que isso não aconteça, eles têm que sentir que o documento está a ser usado de uma forma oportuna e que está enquadrado nos conteúdos (Decaigny, 1972, Casas, 1987). Um documento audiovisual não substitui o professor, muito pelo contrário, obriga-o a desempenhar um papel diferente (Prats, 1987). Ele vai passar a desempenhar o papel de animador, que suscita nos alunos o desejo de comunicar, e de coordenador de todas as fases da metodologia do emprego do audiovisual (Gea, 1983; Prats, 1987).

Seleccção de um Documento

O docente ao seleccionar um documento audiovisual deve ter em atenção, por um lado, o conteúdo a leccionar, os objectivos curriculares, o nível etário e cognitivo dos alunos e, por outro lado, deve atender à estrutura, às imagens, ao comentário, ao ritmo e à duração do documento. A atenção dos alunos também está dependente da sua idade: as crianças entre os 4 e 7 anos seguem com interesse um filme de 5 minutos; entre 8 e 10 anos, de 10 minutos; entre 11 e 13 anos, de 15 minutos; a partir dos 14 anos, 20 minutos

ou mais (Vidal, 1987). Em função destas condicionantes, o docente selecciona o documento mais adequado, tendo em atenção que a duração do documento limita as actividades de exploração na aula.

Após a selecção do documento, segue-se a planificação das actividades a desenvolver na aula. Todas as etapas são pensadas e estruturadas previamente à sua execução, porque “ os audiovisuais não toleram a improvisação” (Casas, 1987, p. 32).

Preparação Prévia

Na fase de preparação prévia, tudo deve ser previsto e planeado pelo professor: os objectivos a alcançar, a sequência e a articulação da aula, as perguntas a serem feitas, o momento em que se vai inserir o documento, os exercícios a realizar e os recursos técnicos de apoio à aula (Prats, 1987).

O documento será visto várias vezes para permitir ao professor anotar os elementos que quer explorar com os alunos e para poder verificar se o comentário do documento é adequado ao nível cognitivo e afectivo dos alunos. Se se detectarem termos que dificultem a compreensão, sugere-se que o professor apresente, na aula, sinónimos ou uma explicação dos mesmos por escrito ou oralmente.

O documento pode ser usado como motivação, introdução, desenvolvimento ou síntese de um assunto. Esta opção vai condicionar o número de vezes que o documento vai ser visto pelos alunos. Por exemplo, se se usar como motivação e/ou introdução só será passado uma vez, porque se pretende explorar a carga emotiva incentivando os alunos a manifestarem as suas opiniões, a discutirem, a investigarem o assunto ou a realizarem acções sociais ou humanitárias. Mas se o documento desenvolve um assunto ou apresenta uma síntese do assunto abordado, então será passado as vezes que o professor achar convenientes para a exploração que pretende fazer do documento.

Para apoiar a exploração do documento, o professor selecciona o material complementar a ser fornecido - mapas, ilustrações, diagramas, esquemas, diapositivos, referências bibliográficas, textos de apoio. Nesta fase também são elaborados os exercícios a serem realizados na aula, quer sejam para ser realizados individualmente ou em grupo - questionários, completar espaços em branco, assinalar as respostas correctas, (...). Depois de os elaborar, deve verificar se as tarefas ou os exercícios a realizar são adequados ao nível etário e cognitivo dos alunos, e se estão estruturados atendendo ao grau crescente de dificuldade - deve-se começar pelos exercícios ou tarefas mais simples passando gradualmente aos mais complexos (Rogers e Medley, 1988).

Os moldes em que os alunos vão trabalhar merecem particular atenção. Os alunos podem trabalhar individualmente, divididos em grupos ou toda a turma a trabalhar conjuntamente com o professor. O docente não tem que se restringir a um tipo de trabalho, poderá servir-se de mais do que um. Por exemplo, os alunos respondem individualmente a um questionário e na fase seguinte, organizados em grupos, analisam

as respostas dadas individualmente (Prats, 1987). Se se optou por uma comunicação espontânea dos elementos da turma, de seguida, podem-se formar pequenos grupos para analisar o documento visualizado, resolver exercícios ou outro tipo de actividade. Concluídos os trabalhos, cada grupo através do seu porta-voz deve apresentar as suas conclusões sendo analisadas e discutidas pelos colegas e pelo professor.

Quer os trabalhos sejam individuais ou em grupo podem integrar uma variedade de actividades e exercícios que são apresentados na fase de exploração do documento.

Antes da aula, o professor deverá ter o cuidado de requisitar, com a devida antecedência, o material técnico necessário à apresentação do documento audiovisual.

Actividades na aula

Podemos considerar três tipos de actividades aquando da utilização de documentos audiovisuais na sala de aula: as actividades que precedem a visualização do documento audiovisual, as actividades que acompanham a visualização e as actividades de compreensão e de exploração que são posteriores à visualização do documento (Rogers e Medley, 1988; Prats, 1987).

1. Actividades que precedem a visualização do documento audiovisual

A introdução ao documento condiciona e predispõe os alunos para a sua recepção. Ela deve criar um clima, situar os alunos no contexto educativo e criar expectativa sobre o que vai ser apresentado (Carvalho, 1991). Não deve ser mais longa que o documento a ser apresentado, nem se deve adiantar verbalmente ao seu conteúdo (Prats, 1987). O professor deve mostrar interesse e encorajar os alunos durante a apresentação do documento. Também é importante que os alunos estejam conscientes de que o documento que vão ver está integrado numa planificação racional da aprendizagem (Casas, 1987; Prats, 1987).

O professor deve elucidar os alunos sobre o que devem fazer. E deve dirigir a atenção dos discentes para os pontos básicos do documento - caso esse não seja o ponto a ser avaliado (Casas, 1987).

O professor pode ainda escrever as palavras chave no quadro para que os alunos se familiarizem com elas ou pode formular perguntas que focalizem a atenção dos alunos, incitando-os a procurar determinadas informações.

2. Actividades que acompanham a visualização

Durante a fase de visualização do documento, alguns autores consideram que os alunos não devem tomar notas, porque perdem informação e há uma ruptura com o impacto emotivo do documento (Decaigny, 1972, Prats 1987). Além disso, os alunos vão atender sobretudo à mensagem auditiva descurando a mensagem visual.

A atitude do professor é importante, ele não deve ler o jornal, conversar com um aluno ou sair da sala enquanto apresenta o documento, deve mostrar interesse pelo que está a ser apresentado, por mais vezes que o tenha visto. A atitude do professor contribui muito para combater a passividade dos alunos (Decaigny, 1972; Prats, 1987).

3. Actividades de Compreensão e de Exploração

Antes de se passar à exploração do documento deve-se verificar se este foi compreendido. As actividades de compreensão, como o próprio nome indica, testam basicamente a recepção da mensagem e não a sua produção. Após a visualização, deve-se incrementar uma comunicação espontânea sobre o documento ou, se o documento o permitir, uma reflexão crítica individual ou em grupo. A troca de impressões entre o professor e os alunos é positiva na medida em que implica reflexão e esclarecimentos que sem dúvida favorecem a assimilação e a aprendizagem dos conteúdos transmitidos (Gea, 1983). O professor pode, e deve, tirar partido de algumas opiniões dos alunos que vão servir como ponto de partida para a fase seguinte, porque eles sentir-se-ão muito mais envolvidos se a sua participação for tida em atenção.

É muito importante que surja esta troca de opiniões para ajudar a reconstruir o verdadeiro sentido do documento e a rectificar a filtragem que cada aluno pode fazer atendendo à sua personalidade e à sua experiência pessoal (Decaigny, 1972; Taddei, 1981). Para tal, o professor pode colocar uma pergunta global a que todos os alunos respondem por escrito (Decaigny, 1972). De seguida, discutem as suas respostas em pequenos grupos e tentam eliminar as divergências de opinião que possam aparecer. O porta-voz de cada grupo apresenta à turma a versão estabelecida em comum. Esta segunda confrontação de opiniões vai permitir a elucidação completa da mensagem. Passa-se, então, à fase de exploração propriamente dita.

Na fase de exploração, procede-se a uma segunda visualização que é, geralmente, consagrada a uma observação detalhada, activa, com numerosas paragens (Decaigny, 1972)³. Nesta fase pretende-se que os alunos reajam ao que ouviram e viram. Basicamente, os alunos discutem ideias, escrevem textos, investigam o assunto aprofundando-o.

Há uma grande variedade de actividades e exercícios que o professor pode realizar na aula, por exemplo, os alunos respondem a um questionário escrito que incide

sobre as imagens ou sequências fundamentais do documento; sobre as noções essenciais e/ou acessórias captadas; sobre o vocabulário adquirido; sobre os novos problemas apresentados no documento; sobre problemas para explorar ou aprofundar (Gea, 1983). Ou então, ordenam e classificam os assuntos apresentados pela sua importância; escrevem palavras chave; resumem numa frase o conceito fundamental do documento; elaboram questões com base no que ouviram e viram.

Se o professor pretende criar exercícios para melhorar a expressão escrita e oral: pode pedir aos alunos que dramatizem a história contada; que criem um noticiário; que escolham uma imagem e façam a descrição; que escrevam uma carta a um dos intervenientes ou testemunhas do filme; pode, ainda, retirar o som ao documento e pedir aos alunos que redijam o comentário (Hill e Barley, 1977; Bufe, 1980; Berwald, 1987; Rogers e Medley, 1988).

Se o assunto é polémico pode-se constituir um “tribunal” em que os alunos vão representar as diferentes posições apresentadas no documento (Prats, 1987).

Podem-se realizar experiências ou trabalhos técnicos de acordo com o que foi apresentado. Para completar a informação extraída do documento analisado, podem-se fornecer outros documentos ou textos de apoio para que os alunos, individualmente ou em pequenos grupos, investiguem e aprofundem o tema. Os alunos também podem entrevistar um especialista ou testemunha do assunto abordado.

Poder-se-ia elaborar um dossier de apoio ao documento o mais variado possível, procurando mesmo notícias nos meios de comunicação social que completassem a informação apresentada. Este dossier seria enriquecido ao longo de uma série de aulas.

Finalmente, deverá ser feita uma síntese. A síntese poderá ser feita na mesma aula em que o documento foi apresentado ou no final dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Ela permite determinar os aspectos mais relevantes fornecidos pelo documento, valorizar os pontos fortes e débeis, integrar os elementos dispersos no seu contexto significativo mais amplo e, caso seja pertinente, introduzir o próximo tema (Casas, 1987; Prats, 1987).

Para ajudar os professores a preparar os documentos audiovisuais, e atendendo ao que já foi exposto, gostaríamos de sugerir uma ficha de registo e de exploração dos documentos referidos. Essa ficha deve ser preenchida em duas fases distintas: antes e depois da aula. Na primeira fase, preenche-se o **título do documento**, o **assunto**, o **tipo de audiovisual** (diaporama, videograma, filme), o **tipo de documento** (entrevista, experiência, publicidade, conferência, documentário) e **data**, se pertinente, **duração** do documento e o nível escolar em que vai ser usado (**destinatário**). De seguida, elaboram-se os **objectivos** que se pretendem alcançar. Define-se como o documento vai ser **utilizado** e as **actividades** a ser levadas a cabo em cada uma das fases: actividades antes da visualização do documento, durante a visualização do documento e actividades de compreensão e de exploração do documento.

A segunda fase da ficha será preenchida depois da aula terminada e consiste no registo do **comentário** feito pelo professor à aula - a sua opinião sobre o decorrer da aula, reacções dos alunos e sugestões para uma próxima utilização do material.

Gostaríamos de ressaltar que as técnicas e os exercícios aqui apresentados são sugestões de trabalho e nem todas as técnicas são adequadas para todas as áreas de ensino nem para todos os documentos. Cada professor terá que seleccionar os exercícios mais adequados à sua disciplina, ao documento a explorar, tendo em atenção o nível etário e cognitivo dos discentes e o tipo de trabalho a desenvolver.

As possibilidades de exploração de um documento audiovisual são inúmeras e só são limitadas pela imaginação e criatividade do professor. Além disso, todo o trabalho de preparação de exercícios e actividades é, geralmente, compensado pelo interesse e aprendizagem dos alunos.

Documentos Audiovisuais		
Título _____		
Assunto _____		
Tipo de Audiovisual _____		
Tipo de Documento _____	Data _____	Duração _____
Destinatário _____		
Objectivos: _____		
Utilização: Motivação/introdução _____ Desenvolvimento _____ Síntese _____		
Actividades a Desenvolver na Aula		
1. Antes da Visualização		
Introdução ao documento: _____		
Esclarecer alguns termos _____ Formular questões _____		
2. Visualização		
3. Actividades de Compreensão e de Exploração		
• Comunicação espontânea _____ Reflexão Crítica _____		
• Formular uma(s) pergunta(s) de carácter global _____		
• Segunda Visualização _____		
• Preencher grelhas _____ Responder a questionários _____ Discutir ideias _____		
Escrever textos _____		
• Aprofundar o assunto: Realizar experiências _____ Fornecer outros documentos _____ Fazer entrevistas _____ Procurar mais informação _____		
• Outros _____		
Comentário à aula		

NOTAS

- 1 - Cloutier (1976) só considera a televisão, o cinema e a audiovideografia como capazes de fornecer documentos audiovisuais, porque só eles possuem som, imagem e movimento, que são os três elementos do audiovisual.
- 2 - Nesta classificação também incluímos o video-interactivo, o CD-interactivo e os documentos hipermedia. Estes documentos diferem dos materiais tradicionais pela sua não linearidade organizacional e, por isso, pressupõem interacção do utilizador (indivíduo) com o documento (Jonassen, 1988; 1989; Vandergrift, 1988; Hoekema, 1992; Ims, 1992). O utilizador selecciona o conteúdo que quer abordar tendo em conta o seu interesse, curiosidade ou necessidade de informação (Jonassen, 1988). Por esse motivo, não deverão ser controlados e manipulados pelo grupo (turma), mas individualmente, pelo que as recomendações feitas neste artigo não se adequam a esses documentos.
- 3 - Por vezes, há imagens de videogramas que necessitam de uma análise cuidada, para tal, pode-se pressionar a tecla da “pausa” do videogravador e a imagem surge estática no écran. O uso frequente da “pausa” danifica a fita, por isso, devem-se fazer diapositivos das imagens a analisar em pormenor (Casas, 1987).

BIBLIOGRAFIA

- Berwald, J. P. (1987). *Teaching Foreign Languages with Realia and other Authentic Materials*. ERIC reproduction document, ED 289 367.
- Bufe, W. (1980). *L'Enseignement des Langues à l'Université à l'aide de la Télévision*. Le Français dans le Monde, 157, 87-98.
- Carvalho, Ana Amélia C. C. A. S. de (1991). *Using Mass Media Material in Language Teaching*. Master Dissertation, School of Education, University of Manchester.
- Casas, Santiago Mallas (1985). *Video y Enseñanza*. Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Casas, Santiago Mallas (1987). *Didáctica del Video*. Barcelona: Editorial Alta Fulla.
- Cloutier, J. (1976). *A Era de Emerec ou A Comunicação Audio-Scripto-Visual na hora dos self-media*. Lisboa: Instituto de Tecnologia Educativa.
- Coutinho, António Martinó (1988) Audiovisual: Os mitos e as Realidades. *Aprender*, 5, 18-20.
- Decaigny, T. (1972). *Technologie Educative et Audio-Visuel*. Bruxelles: Labor.
- Dieuzeide, Henri (1973). *As Técnicas Audiovisuais no Ensino*. Publicações Europa América
- Ferreira, O. e Júnior, P. (1986). *Recursos Audiovisuais no Processo Ensino-Aprendizagem*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Gea, F. (1983). *El Video. Un Sistema Aplicable al Proceso de Enseñanza e Investigación*. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Hill, B. e Barley, A. (1977). Using Language Broadcasts. *Audio-Visual Language Journal*, 15, 1, 54-60.

- Hoekema, J. (1992). Hypercard and CD-I: "The Mutt and Jeff" of Multimedia Platforms. *Educational Technology*. 35, 5, 28-34.
- Ims, P. (1992) *The CD-I Design Handbook*. Wokingham: Addison-Wesley.
- La Borderie, René (1979). *Aspects de la Communication Éducative*. Tournai: Casterman
- Jonassen, D. H. (1988). Designing Structured Hypertext, and Structuring Access to Hypertext. *Educational Technology*. Novembro, 28 (11), 13-16.
- Jonassen, D. H. (1989). *Hypertext/Hypermedia*. Educational Technology Publications. New Jersey: Englewood Cliffs.
- Planque, B. (1974). *Técnicas Audiovisuais de Ensino: Um Guia Prático para os Professores e os Educadores*. São Paulo: Edições Loyola.
- Prats, Joan Ferres i (1987). *Video y Educacion*. Barcelona: Editorial Laia.
- Rogers, C. e Medley, F. (1988). Language with a Purpose: Using Authentic Materials in the Foreign Language Classroom. *Foreign Language Annals*. 21, 5, 467-478.
- Taddei, N. (1981). *Educar com a Imagem*. Vol. I e II São Paulo: Edições Loyola.
- Vandergrift, K.E. (1988). Hypermedia: Breaking the Tyranny of the Text. *School Library Journal*. Novembro, 35, 30-35.
- Vidal, Jesus Borrás (1987). *El guión del Video Didáctico*. Barcelona, Alta Fulla.

UTILISATION ET EXPLOITATION DES DOCUMENTS AUDIOVISUELS

Résumé

On analyse le rôle des documents audio-visuels dans l'enseignement. Quelques suggestions sont présentées pour aider le professeur à sélectionner, utiliser et exploiter des documents audio-visuels. Une grille d'exploitation est suggérée pour aider le professeur à utiliser et à exploiter le document.

USING AND EXPLORING AUDIOVISUAL DOCUMENTS

Abstract

Audiovisual documents constitute a valuable and dynamic tool for the teacher and an enjoyable instructive medium for the student. However, for the use of audiovisual documents to be effective, it should be purposeful, thus teachers should clearly define their aim and objectives in using such documents. A grid is suggested for helping teachers in their preparation of exercises and activities that accompany the document, and in class evaluation.